ReGeo ISSN: 2177-3246

BOLSONARISMO SOB O SIGNO DA ESTUPIDEZ: ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL

BOLSONARISM UNDER THE SIGN OF STUPIDITY: AN ESSAY ON THE INTERPRETATION OF THE FAR RIGHT IN BRAZIL

EL BOLSONARISMO BAJO EL SIGNO DE LA ESTUPIDEZ: UN ENSAYO SOBRE LA INTERPRETACIÓN DE LA EXTREMA DERECHA EN BRASIL

https://doi.org/10.56238/revgeov17n8-086

Data de submissão: 24/06/2026 **Data de publicação:** 08/08/2026

Alexandre de Castro
Doutor em Ciências Sociais
Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
E-mail: xadrecas@gmail.com.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3848-3285

RESUMO

A proposta deste artigo é refletir sobre aspectos da história recente da política brasileira, pós 2018, momento em que as eleições presidenciais representaram clivagem histórica. O então presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, saíra das urnas, em segundo turno, com 55,13% dos votos válidos representando o retrocesso ao exercício de governo baseado nas garantias constitucionais, ao regime democrático e ao império das leis. Personalidade ímpar, de traços autoritários, misóginos, defensor da tortura e da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Diante deste contexto outra não seria a dúvida: o Brasil enveredara politicamente por caminhos igualmente autoritários e seríamos mais de 57 milhões de protofascistas em potencial? O quadro teórico-metodológico a embasar nossa investigação foi constituído mediante referencial baseado na luta, pensamento e escritos de Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), teólogo e filósofo, pastor luterano, membro da resistência alemã antinazista. A hipótese norteadora das investigações é a de que a sociedade brasileira padece do mesmo problema alertado pelo religioso nos anos 1930: a estupidez. Trata-se de um conceito que consiste em desligar a consciência em nome da conveniência, não de atitude de gente má, mas de pessoas que deixaram de pensar por conta própria, submetendo-se às ordens de forma irrefletida, produzindo verdadeiro êxtase coletivo, transformada em força social e política.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Estupidez. Protofascismo.

ABSTRACT

The purpose of this article is to reflect on aspects of the recent history of Brazilian politics, post-2018, a time when the presidential elections represented a historical turning point. The then president-elect, Jair Messias Bolsonaro, emerged from the second round of voting with 55.13% of the valid votes, representing a regression to the exercise of government based on constitutional guarantees, the democratic regime, and the rule of law. A unique personality, with authoritarian and misogynistic traits, a defender of torture and the Brazilian civil-military dictatorship (1964-1985). Given this context, the only remaining question is: has Brazil embarked politically on equally authoritarian paths, and are we more than 57 million potential proto-fascists? The theoretical and methodological framework underpinning our investigation was constructed using a reference based on the struggle, thought, and writings of Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), theologian and philosopher, Lutheran pastor, and member of the german anti-nazi resistance. The guiding hypothesis of the investigations is that brazilian society suffers from the same problem warned about by the religious figure in the 1930s:

stupidity. This is a concept that involves switching off consciousness in the name of convenience, not as an attitude of bad people, but of people who have stopped thinking for themselves, submitting to orders unreflectively, producing a true collective ecstasy, transformed into social and political force.

Keywords: Bolsonarism. Stupidity. Proto-fascism.

RESUMEN
El propósito de este artículo es reflexionar sobre aspectos de la historia reciente de la política brasileña, posterior a 2018, un momento en que las elecciones presidenciales representaron un punto de inflexión histórico. El entonces presidente electo, Jair Messias Bolsonaro, salió victorioso de la segunda vuelta con el 55,13% de los votos válidos, lo que representa un retroceso en el ejercicio del gobierno basado en garantías constitucionales, el régimen democrático y el Estado de derecho. Una personalidad singular, con rasgos autoritarios y misóginos, defensor de la tortura y de la dictadura cívico-militar brasileña (1964-1985). En este contexto, la única pregunta que queda es: ¿se ha embarcado Brasil políticamente en sendas igualmente autoritarias, y somos más de 57 millones de potenciales protofascistas? El marco teórico y metodológico que sustenta nuestra investigación se construyó tomando como referencia la lucha, el pensamiento y los escritos de Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), teólogo y filósofo, pastor luterano y miembro de la resistencia alemana antinazi. La hipótesis que guía las investigaciones es que la sociedad brasileña padece el mismo problema sobre el que advirtió la figura religiosa en la década de 1930: la estupidez. Se trata de un concepto que implica desconectar la conciencia en nombre de la conveniencia, no como una actitud de malas personas, sino de personas que han dejado de pensar por sí mismas, sometiéndose a órdenes sin reflexionar, produciendo un verdadero éxtasis colectivo, transformado en fuerza social y política.

Palabras clave: Bolsonarismo. Estupidez. Protofascismo.

1 INTRODUÇÃO

Nesta comunicação, apresentam-se resultados das investigações com o objetivo de refletir sobre aspectos da história recente da política brasileira, pós 2018, momento em que as eleições presidenciais representaram clivagem histórica.

O resultado do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2018 revelou que parcela considerável dos 147,3 milhões de eleitores brasileiros aptos para o pleito estavam dispostos a sufragar o "Capitão" e nele depositaram 57.797.847 votos. Por outro lado, o candidato da Coligação *O Povo Feliz de Novo*, Fernando Haddad, ficara com os 44,46% dos votos válidos. (TSE, 2018). Uma eleição cujo candidato vencedor despertava certo estranhamento àqueles preocupados e diligentes em matéria de democracia, que demonstravam preocupação com o Estado democrático de direito e respeito às diferenças. Pois Jair Bolsonaro se revelava como:

> [...] um candidato que não tinha nenhum programa de governo organizado, havia feito declarações racistas, machistas e homofóbicas, elogiara abertamente torturadores e a ditadura militar e prometera nomear como ministro da Fazenda um homem com experiência no governo de Augusto Pinochet e ideias claras para estrangular a vida da maioria da população. (Lísias, 2020, p. 8).

Suas declarações racistas, num país miscigenado fora encarado com naturalidade. O fato de dizer a uma mulher que não a estupraria por ela ser feia fora motivo de piadas; afirmar, diante de uma plateia cujo membros pertencem a uma religião historicamente perseguida, que ao visitar um quilombo seus membros poderiam ser pesados em arrobas, e sequer serviam para procriar, provocou risos na plateia; e, por ocasião de um evento de campanha usou um tripé de câmera fotográfica para simular uma arma de disparo contínuo, declarando que iria "fuzilar a petralhada" arrancando aplausos e vivas da multidão.

No entanto, não faltaram opiniões no sentido de amenizar o que se avizinhava no cenário político brasileiro, pois muitos afirmavam que "[...] [Bolsonaro] não tem a mais remota possibilidade de ser eleito." (Lísias, 2020, p. 19). Poucos dentro de seu próprio círculo de apoiadores, por ocasião do início da campanha presidencial, acreditavam na possibilidade de vitória do ex-militar. Beatriz "Bia" Kicis Torrents de Sordi, advogada, procuradora aposentada do Distrito Federal, bolsonarista de primeiro costado, quando interpelada por especialista em marketing político fora aconselhada: "[...] Bia, eu já coordenei não sei quantas campanhas políticas. Esse cara nunca vai ser presidente, porque ele polariza muito. [...] Descola dele." (Diegues, 2022, p. 156).

Mas os resultados das urnas provocaram certa surpresa. A eleições de 2018 contaram com um novo componente, ou, nova maneira de fazer política: a utilização das redes sociais. Este fato escapara

à percepção da maioria dos "especialistas" e causou enorme surpresa às pessoas que encaram a política pelo viés progressista, até certo espanto em muitos "imparciais". A realidade é que:

> Em abril de 2018, somando seguidores de Instagram, Facebook, Twitter e You Tube, Jair Bolsonaro falava diretamente com quase 8 milhões de usuários nas redes sociais, de acordo com um relatório da agência de Marcos Carvalho, que passara a monitorar as redes do presidenciável. (Diegues, 2022, p.138).

Esta movimentação digital permitia contato direto entre eleitores e candidato por meio de mensagens virtuais que, por via dos celulares e mídias alternativas, replicavam os conteúdos da campanha. Foi esta significativa multidão, a princípio sem "definição ideológica", mas que demonstravam insatisfação com governos anteriores "[...] que, de uma hora para outra, passaram a se identificar como de "direita". O fenômeno ganhou um apelido: bolsonarismo." (Diegues, 2022, p. 27).

Eleito, Jair Messias Bolsonaro completou o cardápio a ser oferecido para seu público, em especial aos "bolsonaristas". Em pronunciamento, no dia 17 de março de 2019, por ocasião de uma recepção na Embaixada brasileira em Washington, nos Estados Unidos da América, foi enfático:

> [...] a quatro anos quando decidi me candidatar a presidência, nem minha esposa acreditava [...] e o que eu sempre sonhei era libertar o Brasil da ideologia nefasta de esquerda [...] o Brasil não é um terreno aberto onde podemos construir coisas para o nosso povo. Nós temos de desconstruir muita coisa, desfazer muita coisa, para depois começarmos a fazer [...] o nosso país caminhava para o socialismo, para o comunismo e quis a vontade de deus que dois milagres ocorressem, minha vida e minha eleição [...] (Veja, 2019, grifo nosso).

Combinando os preconceitos anacrônicos externalizados pelo então Deputado do baixo clero, acrescidos a fala direcionada a uma plateia onde muitos sequer sabiam onde é que se localiza geograficamente o Brasil, poderíamos encarar a situação como sempre: uma piada de um homem tresloucado que fala o que lhe vem à mente, sem filtros nem reflexão como sempre fora tratado nos programas televisivos que o entrevistavam.

Mas agora Jair Messias Bolsonaro se tornara Presidente de um país economicamente relevante, politicamente importante, mas ideologicamente dividido com uma base de apoio fanática diariamente alimentada, via redes sociais, com mentiras e desinformações.

Teriam os brasileiros em geral adotado uma postura ideológica extremada como prática política a ponto de flertar com o fascismo? Os brasileiros se submetiam aos arroubos de uma personalidade temperamental, explosiva e inculta, desprovida de capacidade cultural mínima para a posição que pretende ocupar? Trata-se de personalidade que:

> Declaradamente dispensa a leitura de livros, despreza a formação superior e combate as instituições universitárias, que ele diz propagadoras da "ideologia de gênero e do comunismo", sobretudo as áreas humanas, em favor da formação tecnicista. O marketing do novo embala os piores invólucros dos velhos e perigosos militares de 64. (Wandelli, 2018).

As eleições de 2018 para presidente do Brasil ainda carecem de muitas perguntas, estudos, reflexões e pesquisas para que possamos entender as mudanças ocorridas que tornaram possível esta clivagem histórica. Mas, algo que a *priori* soava como delírio, palavras atiradas ao vento por um político desprovido de capacidade intelectual com discurso do combate ao "comunismo", sua vaga narrativa de livrar o Brasil do "socialismo", a insistente repetição da "nefasta ideologia de esquerda" etc. acabaram por se transformar em neologismos e ressignificações do sentido destas palavras que, cristalizadas, anos mais tarde, tornaram-se num eficiente mecanismo de linguagem a "envenenar" seus seguidores.

O fato é que de posse de legitimidade popular, o novo mandatário do país deu início, talvez ao que poderíamos mencionar, de seu principal objetivo: implantar um regime de natureza ditatorial no Brasil, de contornos fascistas. Na intenção de realizar seus propósitos, tentou desacreditar a democracia, atacou o voto eletrônico; interferiu na autonomia universitária; agrediu jornalistas; desmontou sistema de fiscalização legal ambiental; desafiou o Supremo Tribunal Federal e seus ministros; incentivou intervenção militar em discursos em porta de quartéis, etc.

Com isto alimentava sua base fanática, sobretudo pelas redes sociais que Bolsonaro soube operar como ninguém em seu proveito e propósito:

> Suas páginas são invadidas dia e noite por um exército de autômatos, muitos deles com perfis também falsos, que não dialogam, não interagem, não argumentam. Apenas intimidam, xingam e repetem o bordão de sempre no qual todos que não concordam com o #B17 são tachados de "comunistas", "maconheiros", "vagabundos", "corruptos", "ladrões", "petralhas" ou "encostados na Lei Rouanet". (Wandelli, 2018).

Concordamos com Rocha; Solano (2021, p. 21) de que sua eleição não se tratou de "[...] um raio em céu azul, mas fruto do encontro entre dois acontecimentos distintos, porém relacionados: [...] uma nova direita brasileira [...] e o fenômeno [...] no país a partir de 2014: o bolsonarismo."

Na busca de compreendermos este fenômeno político pautamo-nos nos argumentos de Runciman (2018), nos quais as democracias chegam ao fim de três maneiras distintas: por um golpe de Estado, pela catástrofe (tanto ambiental, como nuclear o que torna a democracia descartável), ou em virtude da revolução tecnológica que nos prometia, a princípio nos "[...] proporcionar novas maneiras de cobrar responsabilidade de políticos [...]" (Runciman, 2018, p. 161), mas que acabaram por

proporcionar a possibilidade, no campo da política, de pessoas se submeterem às ordens de personalidade abjeta, embora eleita democraticamente.

Jair Messias Bolsonaro trabalhou em duas frentes (golpe militar e tecnologia) para seus intentos nada democráticos: dissimulava quanto suas intenções de um golpe de Estado nos moldes tradicionais, o que se viu se tratar de mais uma falácia, quando os eventos de 08 de janeiro de 2023 ocorreram.

Em contrapartida, como um mensageiro da antidemocracia, nos entregava, diariamente, através de suas *lives*[1], pronunciamentos e entrevistas, um verdadeiro panegírico de mentiras, além dos disparos em massa de mensagens para alimentar sua base de seguidores, como estratégia complementar para provocar o casos que justificasse a decretação do Instituto da Garantia de Lei e da Ordem–GLO, mascarando o retorno dos militares ao poder de forma legítima.

2 METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta deste artigo foi desenvolvida por intermédio de uma revisão bibliográfica realizada junto a bancos de dados especializados na temática pesquisada, a saber: Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Educação da Universidade São Paulo (USP), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo (USP), Base de Dados da Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Portal Periódico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Bases de Dados do Sistema de Bibliotecas da Universidade de Campinas (Unicamp).

Assim, o artigo possui caráter exploratório, inicial, de caráter preliminar que, a princípio buscamos o "[...] esclarecimentos de idéias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação [...]" (Gonsalves, 2005, p. 65) entre a opção política de parcela de cidadãos brasileiros demonstrada no pleito de 2018 e o fenômeno do bolsonarismo. Consequentemente, por intermédio do levantamento bibliográfico, acreditamos ser possível a "[...] identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros [colocando] o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa." (Gonsalves, 2005, p. 34), contribuindo para a fundamentação científica de nossa temática pesquisada.

Do levantamento, leitura e reflexão do material analisado, problematizamos a argumentação de que o Brasil enveredara politicamente por caminhos autoritários com a anuência de 57 milhões de

[1] Em declaração veiculada em sua *live* no dia 11 de março de 2021, Bolsonaro havia mencionado o fato de que a covid-19 não seria motivo de preocupação, amenizando a pandemia da Covid-19. Acrescentava que ele, por seu histórico de atleta, caso fosse infectado, seu quadro não passaria de uma "gripezinha". Após críticas e comentários, o então presidente desafiou que mostrassem qualquer afirmação sua a respeito do fato. A BBC publicou, no dia 20 de março de 2020, vídeos gravados desmentindo o mandatário. https://www.facebook.com/watch/?v=819677565242803

protofascistas em potencial. Mas a guinada à direita foi resultado da própria história política do início do século XXI no Brasil.

Para compreendermos a mudança de paradigma da política brasileira dessa quadra histórica, consequentemente a ascensão de um *outsider* como Jair Messias Bolsonaro, três situações históricas hão de ser levadas em consideração: o avanço e conquistas de direitos outrora historicamente naturalizados e sedimentados no funcionamento da economia e na estrutura social brasileira, as quais podemos mencionar dois exemplos: a aprovação, em 02 de abril de 2013, da Emenda Constitucional nº 72/2013, que previa a ampliação dos direitos trabalhistas e constitucionais destinados às empregadas domésticas, e o reconhecimento, pelo Supremo Tribunal Federal, da união estável entre pessoas do mesmo sexo, em 05 de maio de 2011, modificando a concepção de família até então entendida pelo ordenamento jurídico brasileiro. Além de outras razões que provocaram desassossego nas frações de classe média de nossa organização social.

A Operação Lava Jato e sua "inaudita instrumentalização do Direito" para perseguir e destruir "inimigos de turno" (Martins; Martins; Valim, 2020); e, por fim, a reaproximação, apoio e participação da caserna, particularmente o Exército brasileiro, em torno do então candidato do PSL, com a consequente participação dos militares das três forças no futuro governo, demonstrando que o "poder camuflado" retornava ao protagonismo da política brasileira, de onde nunca saíra.

Fatores históricos nos quais encontramos o caldo de cultura que arrastou parcela da população brasileira aos braços da extrema direita, redirecionando o destino da política brasileira tomada pela frustação e indignação, carreados pela demagogia para o ódio.

Com referencial a embasar nossa investigação, elegemos o conceito, baseado na luta, pensamento e escritos de Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), teólogo e filósofo, pastor luterano, membro da resistência alemã antinazista. A hipótese norteadora das investigações é a de que a sociedade brasileira padece do mesmo problema alertado pelo religioso nos anos 1930: a estupidez.

Levado ao cárcere pelo regime nazista, em abril de 1943, Dietrich Bonhoeffer foi mantido prisioneiro em vários campos de concentração, e executado em 9 de abril de 1945, na prisão de Flossenbürg, poucas semanas antes do fim da guerra na Europa. (Santos, 2025).

Durante seu cárcere, em 1944, escreveu uma série de reflexões que consideramos atuais. Suas indagações partiam de suas observações e testemunho do clima político alemão dos anos 1930, a se perguntar como "um professor querido" apoia "discurso de ódio", como "mentes brilhantes" foram transformadas "em marionetes do sistema", como "vizinhos" e colegas "e líderes espirituais se tornarem instrumentos do mal"? (A Psique, s/d).

Das reflexões do pastor tais possibilidades não estavam diretamente ligadas a qualquer manifestação de maldade, não se tratava de pessoas com baixa capacidade intelectual, de Quociente de Inteligência (QI) abaixo da média de um homem comum, de acesso à informação. Menos ainda de uma rendição da condição individual às ideias sedutoras de compensação material.

Segundo Bonhoeffer era pior. Tais comportamentos não se davam em virtude de falha cognitiva, mas tal comportamento encontra-se no âmbito da moral, em estado no qual a pessoas deixam de ser autora de suas próprias ideias, passando a agir em conformidade aos comandos externos, acreditando que age por vontade própria, mas abrindo mão de pensar, do exercício do pensamento crítico, em troca de pertencimento, segurança ou conveniência. (A Psique, s/d).

Se fosse possível estabelecer uma comparação entre as observações do pastor, nada mais evidente do que a própria figura "bolsonarista", surgida das entranhas da crise política da primeira metade do século XXI no Brasil.

3 MECANISMOS E FERRAMENTAS DA EXTREMA DIREITA BRASILEIRA BOLSONARISTA

Diante deste trágico cenário para a democracia brasileira não se trata de exagero, menos ainda de anacronismo, se recorrermos a Eco (2020) para lançar novas luzes na quadra histórico-política vivida pelo Brasil a partir de 2018.

> [...] embora os regimes políticos possam ser derrubados, e as ideologias, criticadas e destituídas de sua legitimidade, por trás de um regime e de sua ideologia há sempre um modo de pensar e de sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de pulsões insondáveis. (Eco, 2020, p. 23).

Tal "nebulosa" mencionada pelo autor italiano não fora, a princípio, captada pelos mais desavisados deste novo cenário político brasileiro. No entanto, aos mais atentos, era perceptível que a nova maneira de pensar, sentir e agir, continha forte pulsão de morte.

O comportamento de seus seguidores, os "bolsonaristas", a partir de 2018, dão indícios desta pulsão de morte, quando se aliam de maneira cega e aderem "[...] a um líder ou a um projeto político ideológico que promete a morte, a desagregação e a destruição, inclusive delas mesmas" (Almeida, 2024, p. 30).

Os ingredientes desta verdadeira loucura estavam postos: a agressividade aos outros, pois agora estávamos divididos entre "eles" (comunistas, esquerdistas, desrespeitadores da família e dos bons costumes) e "nós" (cidadãos de bem, patriotas e nacionalistas), repetindo os mantras "vai pra cuba", a ladainha incessante do "kit gay", os corruptos se apossando da "lei Rouanet", convictos de que a

solução para esta verdadeira crise política, econômica, mas sobretudo moral, estava no retorno àquele país outrora seguro, sem desordens, de famílias íntegras do passado. Tal tarefa só poderia ser levada a cabo por alguém decidido em seus propósitos, de atitudes firmes e corajosas, honesto e probo.

Como Jair Messias Bolsonaro, e sua trajetória de "mau militar", muitas vezes insubordinado, mentor de proposta na intenção de "planejar atentados terroristas" para "explodir quartéis", ameaçando "jornalista de morte" e com saída desonrosa do Exército brasileiro (Carvalho, 2019), acabaram por convencer os eleitores brasileiros de que era o novo Messias a conduzir o Brasil de volta aos trilhos?

Os indícios para a compreensão dos instintos contidos na "nebulosa" do pós 2018 no Brasil podem ser buscados na realidade da sociedade alemã dos anos 1930, particularmente na resistência exercida pelo teólogo luterano, ordenado pastor junto à Igreja São Mateus, em Berlim, nos anos 1931: Dietrich Bonhoeffer.

Nascido a 4 de fevereiro de 1906, numa família aristocrática, Bonhoeffer era gêmeo de Sabine Bonhoeffer, entre sete irmãos. Se pai, Karl Bonhoeffer, era professor de neurologia e psiquiatria na Universidade de Berlin, sua mãe, Paula von Hase, foi uma das primeiras mulheres a se formar em curso universitário, denotando que os Bonhoeffer e os von Hase eram ligados à vida cultural alemã. (Cavalleri, 2019). No entanto, não só a tradição, os valores artísticos e intelectuais faziam parte do *habitus* da família. Assim como toda a sociedade alemã da primeira metade do século XX, e a Europa em geral, os Bonhoeffer foram marcadas pela tragédia. O irmão mais velho de Dietrich, Walter Bonhoeffer, teve a vida ceifada nos últimos meses da Primeira Grande Guerra; Klaus Bonhoeffer foi assassinado pela Gestapo em virtude de seu envolvimento na resistência. (Cavalleri, 2019).

Mas, tragédia maior estava por acontecer. Dietrich Bonhoeffer percebendo o clima político de seu país, logo após janeiro de 1930, quando Adolf Hitler tornara-se chanceler do Reich, o conteúdo de seus discursos despertaram enorme desconfiança no jovem pastor pacifista e tolerante que, em seu ofício já organizara encontros para jovens, inclusive fora da Alemanha, sublinhando com "seu estilo pedagógico especial" aos estudantes que ao verdadeiro cristão era "[...] vedado participar do serviço militar e de qualquer preparativo bélico [...]" (Cavalleri, 2019, p. 27).

Suas desconfianças não tardaram a serem confirmadas quando o Reich dá início à promulgações de "leis liberticidas" e raciais, empreende perseguições e "prisões de opositores", mas sobretudo pela intenção de utilizar a religião como ferramenta política, fazendo com que o protestantismo alemão apresentassem "trágicas e dilacerantes" divisões: uma parcela demonstrava firme propósito de confiar ao regime recém eleito a organização e atividades de cristão alemães, outros rejeitavam "[...] a submissão e controle por parte do Estado." (Cavalleri, 2019, p. 31), dentre eles, Dietrich Bonhoeffer, por acreditar que:

> A Igreja se recusa a obedecer se deve sancionar a guerra. A Igreja de Cristo é contra a guerra, é pela paz entre os homens, entre os povos, as classes, as raças. [...] Um imperativo, o da paz, que pode nascer somente da Palavra de Deus e constitui, portanto, o fundamento da sua pregação. (Cavalleri, 2019, p. 29).

Permitir que princípios cristãos religiosos fossem submetidos aos propósitos do novo regime era o mesmo que autorizar o uso da religião aos propósitos políticos do Reich. Na concepção de Dietrich seria o mesmo que assentir que a fé cristã fosse disponibilizada às intenções do nazismo. "Seria, então, um cristianismo nazificado, adaptando dogmas cristãos ao pensamento nazista como uma igreja puramente racial, livre de pessoas não arianas e um Cristo totalmente vencedor." (Santos, 2025, p. 47).

Por sua posição firme em defesa dos princípios religiosos nos quais acreditava, Dietrich participa de operações para retirada de judeus da Alemanha para a Suíça; em suas pregações "demonstrava seu engajamento contra o regime"; assumiu, em 1934, a direção de um seminário clandestino em Brandenburg (Alemanha), na intenção de formar pastores para cuidar de vidas e levar adiante a missão de Jesus Cristo.

No entanto, a decisão que marcou sua vida, pessoal e religiosa, foi se envolver na *Abwehr*, a agência de inteligência militar alemã, por influência de seu cunhado. O plano dos conspiradores que atuavam na agência consistia em assassinar Adolf Hitler, intento levado a cabo em 20 de julho de 1944. Mas Bonhoeffer foi preso em abril de 1944, antes da tentativa fracassada de assassinato. Ele foi mantido prisioneiro em vários campos de concentração e, após a descoberta de documentos que o ligavam diretamente à conspiração, foi executado em 9 de abril de 1945, na prisão de Flossenbürg, poucas semanas antes do fim da guerra na Europa. (Santos, 2025).

Durante seu cárcere em 1944 escreveu uma série de reflexões que consideramos atuais. Suas indagações partiam de suas observações e testemunho do clima político alemão dos anos 1930, a se perguntar como "um professor querido" apoia "discurso de ódio", como "mentes brilhantes" foram transformadas "em marionetes do sistema", como "vizinhos" e colegas "e líderes espirituais se tornarem instrumentos do mal"? (A Psique, s/d). Das reflexões do pastor tais possibilidades não estavam diretamente ligadas a qualquer manifestação de maldade, não se tratava de pessoas com baixa capacidade intelectual, de Quociente de Inteligência (QI) abaixo da média de um homem comum, de acesso à informação. Menos ainda de uma rendição da condição individual às ideias sedutoras de compensação material.

Segundo Bonhoeffer era pior. Tais comportamentos não se davam em virtude de falha cognitiva, mas tal comportamento encontra-se no âmbito da moral, em estado no qual a pessoas deixam de ser autora de suas próprias ideias, passando a agir em conformidade aos comandos externos,

acreditando que age por vontade própria, mas abrindo mão de pensar, do exercício do pensamento crítico, em troca de pertencimento, segurança ou conveniência. (A Psique, s/d).

Pois diante de momentos de crise, do medo, ou ainda de estabilidade econômica ou política, o indivíduo percebe com maior potência sua condição marginal, de desprezado e alijado do coletivo. Diante desta situação, é natural que busque amparo em sistema que lhe prometem ordem e a oportunidade de pertencimento a este coletivo. Ao aderir às promessas, despem-se de suas convicções pessoais, abrem mão do que lhes é individual em nome dos preceitos coletivos ditados pelo líder, na convicção de que serão conduzidos ao fim desejado e prometido. A partir deste momento, o indivíduo sente-se acolhido, sua sensação é a de pertencer ao grupo, no entanto, não ouve, não reflete, deixa de questionar, criando uma couraça impenetrável a qualquer possibilidade argumentativa de natureza racional.

Se fosse possível estabelecer uma comparação entre as observações do pastor, nada mais evidente do que a própria figura "bolsonarista", surgida das entranhas da crise política da primeira metade do século XXI no Brasil. Atitudes que Bonhoeffer denominou como estupidez. Mas há que se atentar pelo alerta de que não devemos confundir estupidez com burrice. São coisas distintas e se faz necessário distingui-las. Estupidez não é sinônimo de burrice.

> [...] o estúpido podia ser alguém intelectualmente brilhante, mas moralmente ausente. Ele [Bonhoeffer] identificou um padrão: quanto mais uma pessoa se deixa absorver por discursos coletivos, ideologias prontas ou ordem sem reflexão, mais ela perde a capacidade de julgamento crítico e mais perigosa ela se torna. É como se a consciência adormecesse e a pessoa passa a agir não por escolha, mas por reflexo condicionado. Ela repete. Compartilha. Defende ideias. Mas não sabe explicar o porquê. Não busca a verdade, apenas ecoa o que foi plantado nela. (O Intelecto, s/d).

A estupidez consiste em desligar a consciência em nome da conveniência. Não se trata de atitude de gente má, mas são pessoas que deixaram de pensar por conta própria; se submetem às ordens de forma irrefletida, produzindo verdadeira loucura coletiva, transformada em força social e política.

E o "bolsonarismo" é, ainda hoje (2026), uma ameaça política que busca se reorganizar para retornar ao poder, com influência marcante na esfera pública que, submetida a seu líder, insiste na veiculação de suas "verdades", "verdades" estas encerradas nos grupos de *WhatsApp*, entre outros grupos sociais, veiculadas pelo "mito", "[...] mesmo que seja uma mentira, um delírio, ou que dure só o suficiente para que coloque outra verdade no lugar." (Almeida, 2024, p. 17). E a outra "verdade", quando chega aos seus destinatários, não é questionada, não provoca nenhuma desconfiança em seus receptores, que por sua vez as reproduzem e replicam, passam adiante, de forma impulsiva, pois aos

"bolsonaristas" não existe "[...] nenhum apreço ou interesse por uma verdade ancorada em fatos, estudos ou dados." (Almeida, 2024, p. 17).

O *modus operandi* virtual "bolsonarista" encontra-se na raiz da instabilidade social brasileira, pois sua força é mantida pelo verdadeiro e constante caos provocados pelas mentiras, inverdades, assassinatos de reputações apontando "[...] para a quebra do pacto social, tão importante para a saúde das sociedades e seus integrantes." (Almeida, 2024, p. 17), não menos importante para finalidades políticas da extrema direita.

Mas o "bolsonarismo" também se traduz em força sociológica ao penetrar fundo nos interstícios sociais com enorme capacidade de influenciar comportamentos em relações sociais, tal como nas famílias; calou fundo nos ambientes de trabalho; influenciou e influencia instituições, transformando-se naquilo que Le Bom (2018) denominou de "multidão psicológica", ou seja, milhares de indivíduos que, embora "composta por elementos dessemelhantes", podem, em certos momentos, em virtude de "estímulos a que estão submetidos", passarem a agir de forma impulsiva, mais irracional, impulsionados pelo "contágio emocional" e sugestivo do líder.

Neste momento o estúpido, ao se integrar à lógica do coletivo, popularmente intitulado de rebanho, torna-se um "instrumento sem vontade própria", capaz de atos terríveis sem reconhecer sua maldade, sendo um perigo para a sociedade em geral, mas na seara política em particular, pois por influência do líder a multidão pode arrastar todo a sociedade para o abismo autoritário, tal qual os fatos ocorridos na Alemanha nazista. Pois algo surpreendente da "multidão psicológica" está no fato de:

> [...] quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, por mais semelhantes ou dessemelhantes que possam ser seu tipo de vida [...] suas ocupações [...] sua inteligência, o mero fato de se haverem transformado em multidão dota-os de uma espécie de alma coletiva. Essa alma os faz sentir, pensar e agir de um modo completamente diferente daquele como sentiria, pensaria e agiria cada um deles isoladamente. (Le Bon, 2018, p. 32).

Neste ponto, quando indivíduos das mais diversas classes sociais, de categorias profissionais as mais distintas, oriundas das mais variadas orientações sexuais, de formações intelectuais dispares, que habitam regiões dotadas de culturas específicas e singulares, acabam por criar uma identidade no seio desta "multidão psicológica bolsonarista", que, sob a influência da estupidez, acaba por operar um fato social no qual "[...] o imbecil, o ignorante, e o invejoso se liberam de seu sentimento de nulidade e de impotência, [e é] substituído pela noção de uma força brutal, passageira, mas imensa. (Le Bon, 2018, p. 52), caracteristicamente encontrada nas fileiras "bolsonaristas".

A demonstração desta imensa brutalidade, física e simbólica, da "alma coletiva bolsonarista" pode ser medida e exemplificada em dois momentos ocorridos ao final do ano de 2022.

A diplomação do presidente eleito pelo pleito de outubro de 2022, que de acordo com a lei poderia ocorrer até o dia 19 de dezembro do ano da eleição, fora antecipada por determinação da Justiça Eleitoral brasileira para o dia 12 de dezembro de 2022, no intuito de arrefecer os crescentes movimentos antidemocráticos dos apoiadores de Jair Messias Bolsonaro que, insuflados pelas redes sociais, contestavam os resultados das urnas de 30 de outubro de 2022.

Pela noite, manifestações de caráter golpista tomaram conta da capital federal num verdadeiro cenário de guerra. Carros e ônibus incendiados, bombas foram lançadas pelas ruas e avenidas, um ônibus coletivo quase foi lançado do alto de um viaduto, e a audácia tem seu ponto máximo na tentativa dos "bolsonaristas" de invadir o prédio da Polícia Federal, localizado na Asa Norte de Brasília. (Correio Braziliense, 2022).

Curioso o fato de que no dia seguinte a depredação não tivemos nenhum "manifestante" detido, menos ainda a notícia de que os responsáveis foram identificados e responsabilizados. E as redes sociais "bolsonaristas" não cessaram e, menos de um mês após o ocorrido, retornaram à carga.

Na manhã do dia 08 de janeiro de 2023, quase duas mil pessoas, muitas recém-chegadas à capital federal em mais de cem ônibus fretados em vários municípios do país, vestindo camisetas amarelas, saíram do acampamento montado, por mais de sessenta dias em frente ao Quartel General do Exército, em Brasília-DF, para "protestar" na Praça dos Três Poderes. (Exame, 2022).

Percorreram oito quilômetros que separam os dois prédios públicos, em direção ao Congresso Nacional, escoltados pela Polícia Militar do Distrito Federal. Nas imediações da praça venceram uma frágil e improvisada barreira de oito ou dez policiais, e assim que ganharam terreno invadiram, primeiro o Congresso Nacional, depois o Supremo Tribunal Federal e, por fim, o Palácio do Planalto. A depredação, o vandalismo, a fúria e o rastro de destruição que se seguiu no interior dos prédios públicos deixaram atônito até mesmo os mais pessimistas com nossa democracia.

O protagonismo de tamanha selvageria fora perpetrado pelos assim denominados "bolsonaristas", seguidores do então ex-presidente Jair Messias Bolsonaro derrotado nas eleições de 2022 no pleito para presidente de república. Verdadeiros atos terroristas se deram com a complacência das autoridades policiais, numa clara evidência de que, assim como no evento de dezembro de 2022, o pensamento extremado tenha se estabelecido no interior das Instituições policiais e judiciárias.

Felizmente, ao contrário do que ocorrera na Alemanha, o golpe contra a democracia brasileira em janeiro de 2023 falhou, mas os atos de selvageria comprovam, e depois foram devidamente investigados pela Polícia Federal, o firme propósito de impedir a posse do presidente eleito e a instauração de um regime de força no Brasil de contornos fascistas.

Aqui cabe ressaltar outro elemento de comparação entre o horror nazista e a tentativa golpista brasileira. Na Alemanha, de acordo com Victor Klemperer (1881-1960) o nazismo se consolidou quando dominou a linguagem. ”Não foi pela força militar, foi pelo sequestro da cognição pública.” (Brasil Coragem, s/d).

Victor Klemperer (1881-1960) era um judeu alemão que, em 1933, quando Adolf Hitler chegou ao poder, lecionava Filologia (estudo de caráter científico da linguagem e do desenvolvimento de uma língua, baseado em documentos escritos) na Universidade de Dresden. Demitido em 1935, em virtude das leis raciais de Nürenberg, só não fora enviado aos campos de prisioneiros em virtude de seu casamento com Eva Klemperer (1883-1951), pianista e “ariana”. No entanto, o casal foi obrigado a deixar sua residência nos arredores de Dresden, e passaram a viver, até o fim da guerra, numa espécie de gueto alemão, trabalhando em atividades fabris, e, no caso de Victor Klemperer, até gari, ”varrendo ruas”. (Oelsner, 2019).

Destituído de suas funções na Universidade, oprimido e ao mesmo tempo, chocado pelo “poder nefasto” que se abatera sobre a Alemanha, resolve aprofundar seus estudos.

> Atento a tudo que era dito, desde os chavões antissemitas à fala de gente do povo, e mesmo de pessoas mais cultas, conseguiu comprovar como judeu, ao final de todos os anos em que foi perseguido, que a força do nazismo residira na manipulação da linguagem, exercida em especial por Joseph Goebbels [...] Goebbels foi adulterando o sentido das palavras e injetando na população os conceitos que eram necessários para todos passarem a enxergar a crueldade e a brutalidade nazistas como algo “normal”. (Oelsner, 2019, s/p).

A utilização da linguagem como ferramenta da política guarda paralelo com o então candidato a presidência do Brasil. Suas declarações racistas, misóginas, preconceituosas, antidemocráticas, veiculadas principalmente por meio das redes sociais, foram encaradas com naturalidade.

O processo de naturalização pode ser observado na sua participação em vários programas de entrevistas na televisão. Sua fala estroinice, seus arroubos autoritários, sua verve machista sempre fora encarada pelos seus entrevistadores de maneira complacente, e suas atitudes qualificadas como condutas de um homem bravateiro e cabotino.

No entanto, Klemperer (2009, p. 58-59) advertia:

> [...] o nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras [pois] a língua conduz meu sentimento, dirige a minha mente [...] Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e parecem inofensivas: passado o tempo, o efeito do veneno se faz notar.

E o processo de envenenamento a transformar homens que, até então não demonstravam qualquer pendor ao ódio ou à violência, “embrenhou-se” nas mentes e corações de parcela de

brasileiros com estratagema semelhante utilizada pelo ministro da propaganda do Führer. Joseph Goebbels incitou o antissemitismo e difundiu a ideologia nazista utilizando a novidade tecnológica de então, o rádio. Seu papel na comunicação foi uma ferramenta crucial de propaganda e controle, além de glorificar Hitler pelos alto-falantes públicos e rádios comercializados a preços acessíveis aos cidadãos alemães, permitindo, por intermédio do monopólio da informação, silenciar vozes dissidentes, permitindo que o regime dominasse a esfera doméstica e moldasse a opinião pública massivamente.

Jair Messias Bolsonaro aproveitou-se da tecnologia do século XXI, a *web*, e com sua destreza e auxílio dos integrantes da extrema direita na utilização das redes sociais, se fizeram hegemônicos na comunicação política, atingindo seus propósitos eleitoreiros. Assim como a estratégia de "envenenamento" patrocinado por Goebbels, Jair Messias Bolsonaro espalhou, e espalha, seu veneno, fazendo com que brasileiros engulam doses insípidas do "arsênico" político, que agora estamos vivenciando os efeitos.

Embora tenhamos sofrido grandes transformações no âmbito da tecnologia nos últimos tempos, o mecanismo de utilizar da linguagem como ferramenta política obedece à mesma metodologia utilizada a oitenta e seis anos atrás, desvendada em doze anos de estudo por Victor Klemperer, e publica no livro "*LTI A linguagem do Terceiro Reich" (2009)*. Das análises do uso da linguagem nazista Victor Klemperer expõe a simplicidade do mecanismo: a utilização de neologismos e da ressignificação das palavras. O Reich ao utilizar o neologismo (que consiste em criar e empregar palavras novas, que por sua vez são derivadas ou formadas de outras já existentes, mas ainda não descritas em dicionários), possibilitou ao regime nazista patrocinar a desumanização, não só dos judeus, bem como dos comunistas e homossexuais (Brasil Coragem, s/d), sedimentando o caminho para a total eliminação da etnia através da solução final.

Nas redes sociais "bolsonaristas" é comum observarmos a mesma técnica. Quem nunca leu ou ouviu a palavra "esquerdopata", ou quando o então presidencial se considerava "imbrochável", uma alusão de conotação sexual que, ao ser traduzida em matéria política, reforçava sua imagem de líder poderoso; ou ainda o neologismo "antilula" ou "antilulismo" quando a intenção era confrontar seu adversário político reforçando o "antipetismo". Neologismos bastante difundidos e reforçados pela conhecida Operação Lava Jato.

Com relação a ressignificação, o mecanismo consiste na apropriação de determinado conceito, que já possui um significado, e atribuí-lo um novo sentido, na tentativa de transformar a percepção inicial, ou ainda distorcer seu conteúdo. Na ótica "bolsonarista" direitos humanos foi ressignificado para "humanos direitos", ou seja, só seriam destinatários dos direitos os humanos que não apresentassem comportamento condenado socialmente, pois do contrário seriam "direitos de

bandidos"; a cooptação das cores verde e amarelo, que antes representavam o orgulho brasileiro em comemorações esportivas e celebrações cívicas, passou a denotar e identificar os fanáticos, porque não os estúpidos, integrantes da base de apoio do ex-presidente.

São estes dois mecanismos, habilmente explorados pela linguagem, tal qual na Alemanha dos anos 1930, que "bolsonaristas" mantém viva e acessa a multidão fanatizada. Sua fidelidade ao "mito" é alimentada pela estupidez desta multidão que, pela ressignificação foram capazes de criar, e até o momento, vivem num mundo paralelo.

4 CONCLUSÃO

Como resultados preliminares apontamos as manifestações de caráter golpista, perpetrados na manhã dia 08 de janeiro de 2023, que tomaram conta da capital federal. Primeiro invadiram o Congresso Nacional, depois o Supremo Tribunal Federal e, por fim, o Palácio do Planalto num verdadeiro cenário de guerra: pilharam patrimônio público, violaram espaços físicos dos poderes instituídos, insultaram autoridades. a depredação, o vandalismo, a fúria e o rastro de destruição que se seguiu no interior dos prédios públicos deixaram atônitos até mesmo os mais pessimistas com nossa democracia. o protagonismo de tamanha selvageria fora perpetrado pelos assim denominados "bolsonaristas", seguidores do então ex-presidente bolsonaro derrotado nas eleições de 2022 para presidente de república.

Verdadeiros atos terroristas se deram com a complacência das autoridades policiais, numa clara evidência de que o pensamento extremado tenha se estabelecido no interior das instituições policiais e judiciárias. no plano político encontramos cidadãos apoiando e endossando atos do líder para operar na ilegalidade, subvertendo o regime político democrático, corroendo princípios republicanos e valores democráticos duramente conquistados. claros sinais da estupidez que se espalhou pelo brasil a partir de 2018.

REFERÊNCIAS

A PSIQUE . O aviso de Dietrich Bonhoeffer sobre a aterrorizante Teoria da Estupidez. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6UDKcpjy06A

ALMEIDA, Rita. Psicologia de massas e bolsonarismo: uma escuta do Brasil de 2018 a 2023. São Paulo: e-galáxia, 2024.

BRASIL CORAGEM. Quando a "rebeldia" vira ódio. A fórmula que levou jovens à direita no Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zjunmszqn9A

CARVALHO, Luiz Maklouf. O cadete e o capitão: A vida de Jair Bolsonaro no quartel. São Paulo: Todavia, 2019.

CAVALLERI, Giorgio. Dietrich Bonhoeffer: mártir do nazismo. Tradução Hugo C. da S. Cavalcante. São Paulo: Paulinas, 2019.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília é atacada por atos extremistas cometidos por bolsonaristas. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2022/12/5058663-brasilia-e-atacada-por-atos-extremistas-cometidos-por-bolsonaristas.html Acesso em: 14 dez 2022.

DIEGUEZ, Consuelo. O ovo da serpente. Nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ECO, Umberto. O fascismo eterno. Tradução de Eliana Aguiar. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

EXAME. Atos terroristas: os 11 pontos para entender tudo desde o 8 de janeiro. Disponível em: https://exame.com/brasil/atos-terroristas-os-11-pontos-para-entender-tudo-desde-o-8-de-janeiro/ Acesso em: 11 jan. 2022.

KLEMPERER, Victor. LTI: a Linguagem do Terceiro Reich. Tradução, apresentação e notas Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda, 2009.

LE BON, Gustave. Psicologia das multidões. Tradução Mariana Sérvulo da Cunha. Posfácio Marcia Cristina Consolim. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

LÍSIAS, Ricardo. Diário da catástrofe brasileira: Ano I: o inimaginável foi eleito. Rio de Janeiro: Record, 2020.

MARTINS, Cristiano Zanin; MARTINS, Valeska Teixeira Zanin; VALIM, Rafael. Lawfare: uma introdução. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

O INTELECTO. Ignorância e estupidez. O alerta de Bonhoeffer para a humanidade. s/d. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jp3bJLKKygs

OELSNER, Miriam Bettina Paulina Bergel. Victor Klemperer e seu livro lti: a linguagem do Terceiro Reich. Revista Digital de Estudos Judaícos da UFMG. v. 13, n. 25, nov. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/23878

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther. A ascensão de Bolsonaro e as classes populares. In: KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie. (Orgs.). Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação

política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. P. 21 – 34.

RUNCIMAN, David. Como a democracia chega ao fim. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Todavia, 2018.

SANTOS, Stanley. Dietrich Bonhoeffer: Resistência teológica, eclesiástica e política durante o Nazismo. São Paulo: Editora Contra o Vento, 2025.

TSE. Presidente do TSE confirma eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República. Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/presidente-do-tse-anuncia-eleicao-de-jair-bolsonaro-para-presidente-da-republica Acesso em: 02 dez. 2022.

VEJA. “Temos de desconstruir muita coisa”, diz Bolsonaro a americanos de direita. Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/temos-de-desconstruir-muita-coisa-diz-bolsonaro-a-americanos-de-direita/ Acesso em: 20 mar. 2019.

WANDELLI, Raquel. Nazismo escancara sua ameaça: Slogan de Bolsonaro é tradução literal do lema de Hitler. Jornalistas Livres. 20218. Disponível em: https://jornalistaslivres.org/nazismo-escancara-sua-ameaca-slogan-de-bolsonaro-e-traducao-de-lema-de-hitler/